

*José Antônio de Ávila Sacramento*  
*www.patriamineira.com.br*

## PRONUNCIAMENTO OFICIAL Homenagem ao Tiradentes

 **30<sup>a</sup>**  
**CAVALGADA DA  
INCONFIDÊNCIA**

**DE TIRADENTES A SÃO JOÃO  
DEL-REI, PELA ESTRADA REAL**

**21 DE ABRIL DE 2018**



*"Se todos quisermos, poderemos fazer  
deste país uma grande nação".*

TIRADENTES



**POLÍCIA  
MILITAR**

**PREFEITURA DE  
TIRADENTES**



**JOSÉ ANTÔNIO DE ÁVILA SACRAMENTO**

**São João del-Rei, MG**

**21 de abril de 2018**

*São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil*

Há 30 anos, pela primeira vez, uma cavalgada saiu da cidade de Tiradentes e terminou o seu trajeto em São João del-Rei. A chegada aconteceu aqui, nesta avenida, neste ponto em que as estátuas de Joaquim José e de Tancredo Neves estão vis-à-vis propiciando-nos este tácito simbolismo cívico e patriótico.

Foi no dia 21 de Abril de 1988 que Baldonado Artur Napoleão, junto com outras 53 pessoas montadas em seus cavalos saíram da Estação Ferroviária de Tiradentes, portando as bandeiras do Brasil, de Minas Gerais e de todos os outros estados da federação.

Chegaram a São João del-Rei, colocaram uma coroa de flores nos pés desta estátua de Tiradentes, e outra foi por eles solenemente levada para ser depositada no túmulo de Tancredo Neves, no cemitério da nossa Igreja Franciscana.

Passados trinta anos, a cavalgada demonstrou crescimento contínuo, entrou para o calendário cívico-cultural da região e já deveria ter sido reconhecida oficialmente pelo calendário de grandes eventos mineiros e nacionais.

A gênese desta “Cavalgada da Inconfidência” resultou da inquietação mental do dr. Baldonado quando ele percebeu que a Conjuração vinha sendo comemorada, todos os anos, em Ouro Preto, no dia 21 de Abril, com pompas e circunstâncias, o que gerava interpretações equivocadas de que a Conjuração Mineira não teria suas ligações diretas e profundas com São João del-Rei e cidades desta região.

Foi então que dr. Baldonado, este “neo-conjurado”, compreendeu que se quiséssemos rememorar com dignidade os grandiosos atos da Conjuração Mineira, relevante movimento que agiu como fermento na massa da construção desta Nação, não poderíamos entregar a organização dos eventos apenas para o Governo do Estado de Minas

Gerais, sob pena de que, se assim acontecesse, tais solenidades ficariam maculadas na sua forma original e fora do seu contexto geográfico.

Nós, os montanhese da mesorregião dos Campos das Vertentes, muitas das vezes, fomos obrigados a resolver os nossos problemas quase que solitariamente, sem esperar pelos tardios e dificultosos influxos vindos dos "longínquos" e burocráticos centros administrativos; foi assim, então, que através de um ato de civismo e rebeldia pedagógica que Baldonado convidou alguns amigos para a homenagem iniciática ao Tiradentes e aos seus companheiros de conjuração. Sabia o notável barrosense que os deslocamentos e boa parte da pregação conjuratória se deram através de pessoas montadas em seus cavalos, e é por causa disto que hoje aqui estão estes cerca de mil cavaleiros e amazonas, aboletados em suas montarias, simbolicamente, como se fossem novos conjurados.

Muitos fatos marcantes das cavalgadas ficaram gravados nas nossas mentes. Em minha memória, particularmente, está bem gravada a cena emocionante que presenciei no ano de 1995, ocasião em que relembávamos os 10 anos de falecimento de Tancredo Neves e os 203 anos da execução do Tiradentes: foi sob aplausos e com reverências da população, que eu vi entrar nesta praça, bem destacados à frente da cavalgada, dois belos cavalos caprichosamente selados, que não estavam montados, mas vinham solenemente puxados por militares.

Um deles era conduzido pelo cabresto por um militar da gloriosa Polícia Militar de Minas Gerais, simbolizando o cavalo de Tiradentes. O outro cavalo era puxado por um militar do nosso glorioso Regimento Tiradentes, simbolizando a montaria do ex-presidente Tancredo de Almeida Neves. Da sela de cada um dos animais pendia uma espada,

simbolizando a luta daqueles dois grandes brasileiros. Foi uma cena cinematográfica, digna de grandes roteiristas!

Então, para reconhecer a importância cívico-memorial deste evento que ora se faz trintenário e que vem sendo solidificado em lombos animais, faço uma saudação especial aos astros principais que tanto abrilhantam este evento, os nossos cavaleiros e amazonas. Saúdo-os através de versos que a poetisa Cecília Meireles, escreveu no Romanceiro da Inconfidência, cujas estrofes já foram usadas pelo orador oficial da cavalgada do ano 2012, o insigne promotor desta comarca, dr. Adalberto de Paula Christo Leite:

*“Eles eram muitos cavalos, ao longo dessas grandes serras, de crinas abertas ao vento, a galope entre águas e pedras (...). Eles eram muitos cavalos: e uns viram correntes e algemas, outros, o sangue sobre a força, outros, o crime e as recompensas. Eles eram muitos cavalos: e alguns foram postos à venda, outros ficaram nos seus pastos, e houve uns que, depois da sentença, levaram o Alferes cortado em braços, pernas e cabeça. E partiram com sua carga na mais dolorosa inocência.”.*

Nestas três décadas ininterruptas de evento, muitos oradores ocuparam esta tribuna e deles ouvimos, de forma unânime, belos discursos de reconhecimento à epopeia preconizada pelo dr. Baldonado, e todos eles, sem exceção, muito enalteceram as vidas e obras do Patrono Cívico da Nação e do Artífice da Nova República.

Assim, já tendo citado trecho do discurso do promotor de justiça que foi orador do ano de 2012, eu saúdo também a todos o demais oradores que participaram desta cerimônia através da apoteótica saudação do dr. Alair Coêlho de Resende, personalidade ligada geneticamente aos conjurados José de Resende Costa (pai e filho) e que, no ano passado, ao proferir sua bela alocução, surpreendentemente deslocou-se da tribuna onde falava para postar-se garbosamente diante da estátua do

Alferes, e, fitando-o com firmeza, prestou-lhe uma espetacular continência ao mesmo tempo em que dirigia-lhe estas emocionadas palavras:

*“Tiradentes, oh imortal herói brasileiro! Volte à terra, venha ao Brasil e em aqui estando volva à nossa São João d’El-Rey, encilhe, monte e cavalgue seu “machinho rosilho”; empunhe sua espada, ponha-se a nossa frente e sob seu destemido comando, quando o corvo negro da corrupção, que sobrevoa e enxovalha o Brasil, tentar pousar sobre nossos lares, matemo-lo, antes que ele ocupe o pedestal da honra nacional!”.*

Minhas senhoras, meus senhores, hoje, nesta hora, já foram passados 226 anos que um carrasco entrou na Cadeia Pública do Rio de Janeiro, chamou o Tiradentes, vestiu-lhe a alva, colocou-lhe o capuz, e, como de costume pediu-lhe o perdão pelo que seria obrigado a fazer.

Depois, o nosso conterrâneo começou a caminhada rumo à forca; ele estava descalço e com as mãos amarradas, com o crucifixo enfiado junto do peito. Seguiu ladeado por padres e pela tropa, diante dos olhares atônitos e curiosos da população do Rio de Janeiro.

A forca já estava armada no Largo da Lampadosa. Foi ali que o carrasco o enforcou e que o Frei Raimundo Pennaforte fez a sua derradeira pregação ao povo, já diante do cadáver do Alferes. O comandante da tropa, Brigadeiro Pedro Álvares de Andrade, leu um manifesto e informou que os demais réus haviam sido perdoados da morte, exceto aquele malvado Tiradentes, que era o cabeça da rebelião que fora tentada...

Depois daquele ato crucial, o corpo do Tiradentes foi retirado da forca. Conduziram-no para o esquartejamento; os pedaços foram acondicionados em salmoura e armazenados dentro de sacos de couro; os quartos e a cabeça foram colocados sobre cavalos e levados para os

locais de circulação intensa, onde deveriam ser exibidos publicamente, à guisa de exemplo, até que o tempo os consumisse...

Àquela época, nas cidades mineiras do ciclo do ouro, inclusive na nossa, depois do dia da execução, foram encenados “Te Deum Laudamus”; fizeram com que os sinos daqui dobrassem em sinal de regozijo pela morte do Tiradentes, tudo realizado em obediência às ordens da Coroa Portuguesa que nos espoliava com a cobrança do famigerado imposto do “quinto do ouro”, ou seja, a taxaçoão em 20% de toda a produção aurífera.

Ao lembrar da cobrança do “quinto”, um dos motivos que levaram a eclosão do movimento conjuratório de 1789, percebo que atualmente, apesar de não pagarmos impostos para a terra lusitana, continuamos sendo esbulhados pelo poder central nacional em mais de 40% do PIB sob a forma de impostos, os quais não retornam efetivamente em benefícios para a população.

Fico pensando o que diria Tiradentes e seus amigos de conjuraçoão sobre esta taxaçoão espoliativa de mais que o dobro daquela que incidia sobre a nossa produçoão do século XVIII. Fica uma pergunta que não se cala: será que o que está faltando é mais “Tiradentes” neste país? Penso que para voltarmos a triunfar como Naçoão haveremos de evocar a figura escultural, épica e apostolar do nosso conterrâneo Joaquim José da Silva Xavier, cujo idealismo pode e deve ser incorporado ao nosso patrimônio ético e moral e no opulento rol das nossas mais caras tradiçoões. O que nos importa neste momento de crise é o exemplo pedagógico e cívico, é a liçoão moral que a açãoo do Tiradentes pode nos oferecer.

E já terminando esta preleçoão, eu não poderia deixar de lembrar que nesta data, coincidentemente, completam-se os 33 anos que outro são-joanense, Tancredo de Almeida Neves, mentor da Nova República, partiu desta vida. Lembro-me do discurso dele perante o Congresso Nacional, logo após a vitória no Colégio Eleitoral, em 15 de janeiro de 1985,



quando, num lampejo histórico, dr. Tancredo proferiu a célebre frase: “Se todos quisermos, dizia-nos há quase 200 anos, Tiradentes, aquele herói enlouquecido de esperança, poderemos fazer deste país uma grande nação. Vamos fazê-la!”.

Minhas senhoras e meus senhores: continuemos a perseguir os exemplos destes dois homens que aqui hoje estão em forma de estátuas de bronze, agindo efetivamente em favor da prosperidade do povo da nossa região e para o engrandecimento do nosso Estado.

Que possamos ser sensíveis aos apelos, aos ensinamentos e aos exemplos da firmeza de convicções destes nossos conterrâneos, colhendo de ambos regeneradoras lições de civismo que possam fazer do Brasil uma grande Nação.

Muito obrigado!



Foto: Vânia R. Vilela de Ávila